

## VOCAÇÃO FILOSÓFICA DA AMÉRICA LATINA

“Para onde vai a Filosofia na América Latina?”

Japiassú

**José Dettoni**

Mestre em Filosofia PUCAMP.

Doutorando em Fil. da Educ. — UNICAMP

Já se tornou famosa a disputa entre os que acham que não existe filosofia autenticamente americana e os que admitem uma filosofia nossa. Neste trabalho não entramos nesta “briga”, pois já foi tema de outra análise.

No entanto, cabe abordar, de leve, a posição em que se situa Japiassú. Ele não pergunta para onde vai a filosofia latino-americana, mas para onde vai a filosofia na América Latina. A questão da autenticidade de uma filosofia latino-americana não lhe parece relevante.

Não discutamos se é ou não relevante, mas achamos válido colocar o problema num enfoque um pouco diverso, ou seja: qual o papel do americano no filosofar? Assim resolvemos, a um tempo, dois problemas: se a filosofia é supranacional e supracontinental, e se existe filosofia latino-americana. Respondemos afirmativamente às duas questões.

Admitido o papel do europeu ( e dos outros continentes ) no filosofar e admitido o papel do americano no mesmo pensar de horizontes universais, cabe uma pergunta de grande interesse: qual é esse papel que nos cabe desempenhar? Qual a vocação filosófica da América Latina?

A exemplo de Kant, que sendo o grande teórico que foi, criticou a sociedade de seu tempo, a filosofia latino-americana tem oportunidade e obrigação de criticar a sua realidade. Concordamos com Angulo<sup>1</sup> que, inspirados por Kant, a Filosofia Crítica nos ajuda a descobrir o limite do possível na América Latina, e a Filosofia Hermenêutica nos ilumina na busca do sentido histórico de nossa “CIRCUNSTÂNCIA”.

As três categorias heidegerianas de situação, compreensão e interpretação não só são válidas para a análise crítica e ação eficaz na América Latina, como, com certeza, se não dermos importância a isso, não nos situaremos, não nos compreenderemos e não sabemos interpretar nossa realidade. Numa palavra, seremos alienados no espaço e no tempo.

É preciso andar de “consciência exposta aos efeitos da História” ( Gadamer ), se não quisermos nos desvincular do passado, nos alienar ao presente e perder o rumo do futuro.

A Filosofia Crítica nos deixa acordados e a Filosofia Hermeneútica nos indica os rumos para onde ir. Eis-nos cara a cara com Japiassú epigrafado.

A fala do "silêncio popular" ( Vusch ) é outra vertente valiosa que não pode ser dispersada na análise de nossa realidade em busca do rumo da nossa filosofia e da nossa História. O "silêncio popular" é um interlocutor cuja voz não deve ser abafada, apesar de não ter sido ouvida ao longo de três séculos de colonialismo e mais um de neocolonialismo.

A nossa tradição tem raízes na tradição do êxodo e da Ressurreição, e como tal numa tradição crítica. Revigorar essa tradição crítica é, olhando para a nossa realidade de escravos e dependentes, descobrir o caminho do êxodo e da Ressurreição.

Se importa perguntar para onde vai a filosofia na América Latina, importa aprender a ler esse caminho. Essa leitura, porém, não é apática, estática, infrutífera. Só é possível e viável, se dinâmica, engajada, comprometida.

Interpretar nossa dependência multifacetada e ficar na lamentação é senilidade precoce e estéril. Juventude filosófica latino-americana é consciência crítica, imaginação e vontade de ultrapassar essa situação dependente.

Superadas as famigeradas dúvidas sobre nossa "humanidade" e nossa capacidade de pensar, a filosofia latino-americana não pode e nem deve seguir os mesmos rumos de sua mãe Europa clássica, medieval, moderna e contemporânea. Não pode porque a mãe foi e é uma realidade e nós fomos e somos outra. Não deve porque os problemas dela tiveram e tem suas características e os nossos outras.

Ao nível da filosofia, como reflexão da temática universal, aspiramos a um diálogo com nossa mãe Europa. Mas no horizonte da circunstância, na acepção orteguiana, regrediremos se quisermos importar modelos alienígenas, como o fizemos durante quatro séculos. Quem duvida que em filosofia somos menos do que a Europa e que ainda não produzimos filósofos de primeira grandeza? A comparação, porém, não tem cabida, pois se nós temos quatro séculos, os europeus devem contá-los às dúzias. "Desajuste cronológico, mas não ontológico", como muito acertadamente afirma Zea<sup>2</sup>.

A consciência da autenticidade e da alteridade é o suporte para o DIÁLOGO. Diálogo que supõe confiança em si, superador do complexo de inferioridade latino-americano, e respeito pelo outro, superador do espírito adolescente que vê no estrangeiro nada mais do que um explorador, e superador do espírito dominador que vê no outro um meio para seu lucro. Para haver interlocução é indispensável um nível de semelhança e mútuo respeito.

A perspectiva da filosofia no nosso Continente é continuar a leitura crítica de nossa realidade, encetada por alguns pensadores neste século, particularmente nas últimas quatro décadas. Se o compararmos com a dos outros séculos de nossa História filosófica, veremos claramente que nossa filosofia, a continuar assim florescendo, terá seu ritmo acelerado e grandes frutos filosóficos não tardarão. Atestam isso o número crescente de congressos, simpósios, encontros vários e publicações de diversos matizes e tendências, ricos às vezes. Já figuramos no cenário filosófico mundial.

A filosofia latino-americana não está chamada a repetir o "logos" grego, nem a "razão" européia, mas a ler a palavra e o gesto do Terceiro Mundo, não com ânsia vindicatória, cujo conteúdo adolescente deve ser superado, mas com imaginação e entusiasmo juvenil de quem tem muito a oferecer ao mundo conturbado de hoje, particularmente em termos éticos e estéticos. A velha Europa, cansada (ela o reconhece), e a América do Norte, anestesiada pelo pragmatismo utilitarista, precisam da experiência sofrida do latino-americano e do Terceiro Mundo para redescobrir a dignidade humana acima dos genocídios, a beleza da vida acima do fetiche do lucro.

E quanto às relações entre Ciência e Filosofia, caminhará cada uma em direção oposta? O distanciamento entre filosofia e ciência é prejudicial a ambas; a ciência, sem filosofia, só vê dados, não encontra valores; a filosofia, longe da ciência, se esteriliza na reflexão pura e alienada da concretude humana. A ciência, desvinculada da filosofia, se reduz a cientismo cego; a filosofia, desvinculada da ciência, se reduz a uma meditação oca. Nem uma nem outra desvinculada, e mais ainda, antagônicas, servem ao homem e a História. A filosofia é teoria (e a mais alta das teorias), mas por isso mesmo não está alheia à prática. Ao contrário, influencia a prática na razão direta em que é verdadeira e profunda teoria. Eis porque os grandes filósofos são em escala muito maior os grandes condutores da História, mesmo que, em contrapartida, são seus produtos.

Sua liderança, a médio e longo prazo, é extremamente superior aos "Césares", "Napoleões" e "Hitlers", apesar de, na casca da História, avultarem estes e não serem percebidos aqueles.

O "conhece a ti mesmo" dos gregos é ainda válido para nós. E o que perguntam, senão isso, um Caturelli, um Zea, um Ferreira da Silva, um Bondy, um Ardao, um Gaos, um Lima Vaz, um Japiassu? Os problemas filosóficos, nos seus mais diversos matizes, desde os lógicos aos históricos, desde os epistemológicos aos jurídicos, se reduzem, ao final e ao cabo, ao problema antropológico, individual e socialmente considerado. Quem sou e quem somos continua o grande problema. Meditado desde milênios, permanece o desafio dos filósofos. E a plêiade de pensadores latino-americanos (e não cabe aqui nominá-los), giram, em última análise, em torno desse problema. Inclusive os filósofos da libertação.

No dizer de Zea<sup>3</sup>, a "filosofia da libertação é, afinal, a preocupação de toda a filosofia".

Rivara de Tuesta<sup>4</sup> qualifica isso de ideologia. Ideologia ou não, o que importa ao labor filosófico é examinar a nossa realidade, criticar o que significa libertação e não ficar de braços cruzados.

E concluamos com o autor em epígrafe<sup>5</sup>, quando diz: "É claro que a luta pela libertação é travada entre nós nos campos políticos, teológicos e outros; o que lamento é que a filosofia e seu ensino não esteja polarizada ainda sobre a necessidade de voltar-se a uma prática libertadora, fundada num questionamento filosófico radical e de cunho nitidamente político, capaz de formular uma visão do mundo a partir do ponto de vista dos oprimidos". Questionamento filosófico que, superando o enfoque geográfico Europa-América, ancore a realidade histórica sob o ângulo econômico-político de oprimidos e opressores, não para travar uma luta de morte, mas para fazer ver que a exploração é desumana e para refletir, em qualquer parte do mundo, sobre a dignidade do homem.

Para onde vai a filosofia? É ela que ilumina o ser e o valor do homem, fazendo descobrir que o ter ( dos poderosos ) não deve esmagar o ser ( dos oprimidos ); que o poder não deve ser usado para oprimir mas para ajudar; que os homens, acima do ter e do poder, devem descobrir e respeitar sua dignidade no ser.

Eis a vocação da filosofia latino-americana.

#### NOTAS:

(1) ANGULO, J. R. "Hermenêutica e Crítica no Filosofar Latino-Americano Atual", in "Ponências" do I Congresso Internacional de Filosofia Latino-Americano, Bogotá, 1980, p. 129

(2) ZEA, L. "A História da Filosofia Latino-Americana", in "Ponências" do I Congresso Internacional de Filosofia Latino-Americano, Bogotá, 1980, p. 27.

(3) ZEA, L. *Ibidem*, p. 32.

(4) TUESTA, M. L. R. de, "Filosofia e Ideologia em Latino-América" ( *passim* ).

(5) JAPIASSÚ, H. "Para onde vai a Filosofia Latino-Americana", in "Ponências" do I Congresso Internacional de Filosofia Latino-Americano, Bogotá, 1980, p. 57.